



Interface - Comunicação, Saúde, Educação

ISSN: 1414-3283

interface@fmb.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de

Mesquita Filho

Brasil

Lemos, Monica; Pereira-Querol, Marco Antonio; Muniz de Almeida, Ildeberto
A Teoria da Atividade Histórico-Cultural e suas contribuições à Educação, Saúde e Comunicação:
entrevista com Yrjö Engeström

Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 17, núm. 46, julio-septiembre, 2013, pp. 715-727
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180128561018>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Teoria da Atividade Histórico-Cultural e suas contribuições à Educação, Saúde e Comunicação: entrevista com Yrjö Engeström

The Historical-Cultural Activity Theory and its contributions to Education, Health and Communication:
interview with Yrjö Engeström

La Teoría de la Actividad Histórico-Cultural y sus contribuciones a la Educación, la Salud y la Comunicación:
entrevista con Yrjö Engeström

Monica Lemos¹
Marco Antonio Pereira-Querol²
Ildeberto Muniz de Almeida³



Na última semana de setembro de 2012, Yrjö Engeström, do Centro de Pesquisa em Atividade, Desenvolvimento e Aprendizagem (CRADLE⁴), do Instituto de Ciências do Comportamento, Universidade de Helsinki, na Finlândia, nos recebeu para uma conversa, previamente organizada por este pequeno grupo de brasileiros em atividade no CRADLE. Durante os noventa minutos de entrevista-conversa, o Professor Yrjö Engeström discorreu sobre formação e atividades desenvolvidas no CRADLE, e a compreensão de seus integrantes sobre os principais conceitos do enfoque teórico que adota: a "Teoria da Atividade Histórico-Cultural". Com a

contribuição de outros colegas brasileiros, também foram exploradas questões teóricas de maior densidade, como: conceito de agência, o objeto em fuga ("runaway object") e em vidas-reais complexas ("in the wild")⁵.

¹ Center for Research on Activity (CRADLE), Development and Learning, Institute of Behavioral Sciences, University of Helsinki, Finland.

Siltavuorenpuisto 1A,
3A, 5A. PO Box 9.
FI-00014
monica.lemos@gmail.com
cradle-news@helsinki.fi

² Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, Brasil.

³ Departamento de Saúde Pública, Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP – Universidade Paulista. Botucatu, SP, Brasil.

⁴ CRADLE: acrônimo em inglês. Para mais informações sobre o CRADLE, acesse: <http://www.helsinki.fi/cradle/>

⁵ Visando facilitar o acesso do leitor aos temas tratados na entrevista, em diversos momentos foram inseridas notas de esclarecimentos e sugestões de leituras complementares.

O professor Engeström é reconhecido internacionalmente por aplicar e desenvolver a "Teoria da Atividade Histórico-Cultural" como uma abordagem teórica em estudos sobre o processo de transformação e aprendizado em atividades de trabalho em organizações. Ele é mais conhecido pela teoria de aprendizagem expansiva e a metodologia intervencionista da Pesquisa e Desenvolvimento do Trabalho. Um de seus trabalhos mais recentes é *From teams to knots: activity-theoretical studies of collaboration and learning at work*⁶. Atualmente, coordena as atividades do CRADLE - Center for Research on Activity, Development and Learning - em Helsinki, objeto de discussão nesta entrevista.

A teoria da atividade foi iniciada por Lev Vygotsky (1978)⁷ nas décadas de 1920 e 1930, e, em seguida, desenvolvida pelo seu colega e discípulo Alexei Leont'ev⁸. A teoria da atividade se desenvolveu por meio de três gerações de pesquisa. A primeira, centrada em torno de Vygotsky, criou a ideia de ação mediada por artefatos culturais⁹. A inserção de artefatos culturais nas ações humanas foi revolucionária, uma vez que a unidade básica de análise passou a superar a separação entre o indivíduo cartesiano e a estrutura social intocável. O indivíduo não podia mais ser entendido sem o seu meio cultural; e a sociedade não podia mais ser entendida sem a agência¹⁰ de indivíduos que utilizam e produzem esses artefatos. Os objetos tornaram-se entidades culturais e a ação orientada ao objeto tornou-se a chave para entender a psique humana.

A limitação da primeira geração foi que a unidade de análise se manteve focada no indivíduo. Esta limitação foi superada pela segunda geração, centrada em Leont'ev, que explicou a diferença crucial entre uma ação individual e uma atividade coletiva. O conceito de atividade possibilitou um enorme avanço para o paradigma, na medida em que altera o foco para as inter-relações complexas entre o sujeito individual e sua comunidade.

Na União Soviética os sistemas de atividades sociais estudados concretamente pelos teóricos estavam em grande parte limitados a jogos e aprendizagem entre as crianças, e as contradições da atividade mantiveram-se como uma questão extremamente delicada. Desde a década de 1970 a tradição foi retomada e recontextualizada no ocidente por pesquisadores radicais. Novos domínios de atividade, incluindo o trabalho, foram abertos para a pesquisa concreta. Uma enorme diversidade de aplicações da teoria da atividade começou a surgir, como manifestado em trabalhos recentes¹¹. A ideia de contradições internas como a força motriz de mudança e desenvolvimento em sistemas de atividade, tão poderosamente conceitualizada por Il'enkov¹², começou a ganhar seu devido status como um princípio orientador de pesquisa empírica.

Desde o trabalho fundamental de Vygotsky, a abordagem histórico-cultural era muito mais um discurso de desenvolvimento vertical em direção às 'funções psicológicas superiores'. A pesquisa intercultural de Luria¹³ permaneceu uma tentativa isolada. Michael Cole, da Universidade da Califórnia, em San Diego, foi um dos primeiros a indicar claramente a profunda insensibilidade da segunda geração da teoria da atividade em relação à diversidade cultural. Quando a teoria da atividade se internacionalizou, questões de diversidade e diálogo entre diferentes tradições ou perspectivas geraram sérios desafios. É com esses desafios que a terceira geração da teoria da atividade tem de lidar. A terceira geração da teoria da atividade precisa desenvolver ferramentas conceituais para compreender o diálogo, as perspectivas múltiplas e redes de interação dos sistemas de atividade.

⁶ ENGESTRÖM, Y. *From teams to knots: activity-theoretical studies of collaboration and learning at work*. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

⁷ VYGOSTKY, L.S. *Mind in society: the development of higher psychological processes*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

⁸ LEONT'EV, A.N. *Activity, consciousness, and personality*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1978. LEONT'EV, A.N. *Problems of the development of the mind*. Moscow: Progress, 1981.

⁹ LEMOS, M. A *Atividade de reforço na escola pública como espaço para a construção da cidadania*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2005.

¹⁰ Refere-se às ações humanas relacionadas às estruturas que, de alguma forma, controlam suas vidas. Engeström enfatiza as ações capazes de transformar a atividade do sujeito.

¹¹ ENGESTRÖM, Y. *Activity theory and individual and social transformation*. In: ENGESTRÖM, Y. et al. (Eds.). *Perspectives on activity theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a. cap. 1. p.19-37.

¹² IL'ENKOV, E. *Dialectical logic: essays on its history and theory*. Moscow: Progress Publishers, 1977.

¹³ LURIA, A.R. *Cognitive development: its cultural and social foundations*. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

O CRADLE (Center for Research on Activity, Development and Learning), sua história e organização atual

O CRADLE - Centro de Pesquisa da Atividade, Desenvolvimento e Aprendizagem - é um centro de pesquisa dentro do Instituto de Ciências Comportamentais da Universidade de Helsinki. E como um centro de pesquisa, nós temos muitos projetos com financiamento externo. Também dirigimos um programa de mestrado e doutorado que nos permite ser relativamente independentes do departamento do qual fazemos parte.

O CRADLE foi fundado em 1994, há quase vinte anos. O nome inicial era Centro da Teoria da Atividade e Pesquisa de Desenvolvimento do Trabalho. Há alguns anos, mudamos o nome, parcialmente, porque nos fundimos a outra unidade de pesquisa em nosso departamento. Esta unidade de pesquisa era conduzida pelo Prof. Kai Hakkarinen, focada no aprendizado em rede, mas com abordagem teórica muito próxima da nossa. Assim, nós nos juntamos, e alguns de nossos pesquisadores bolsistas vêm dessa fusão. E, ainda, o nome original do nosso centro era um pouco difícil e complicado de ser lembrado, CRADLE é mais fácil; o acrônimo é bem apropriado, pois, em inglês, se refere ao local no qual um bebê pode dormir e crescer. Consideramos que nossas ideias e abordagem estão ainda na infância e precisam de muitos nutrientes. Ao mesmo tempo, queríamos que o CRADLE fosse útil para pesquisadores jovens, como a Monica (entrevistadora), e para estudantes que se interessam em trabalhar e estudar conosco.

Temos mais de trinta doutores¹⁴ que defenderam teses em nosso programa de pós-graduação ao longo dos anos, e isso significa que provavelmente estamos tendo sucesso na educação de jovens pesquisadores que baseiam seus trabalhos na Teoria da Atividade.

¹⁴ O link http://www.helsinki.fi/cradle/doctoral_dissertations.html permite acesso às teses defendidas no CRADLE.

¹⁵ Nota dos organizadores: entre os trabalhos de Yves Clot já publicados no Brasil, destacamos *A função psicológica do trabalho*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007; e *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2012.

¹⁶ Nota dos organizadores: ver ENGESTRÖM, Y. *Expansive learning at work. Toward an activity theoretical reconceptualization*. *J. Educ. Work*, v.14, n.1, p.133-56, 2001. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13639080020028747>. Acesso em: 28 jan. 2013. Ver também ENGESTRÖM, Y. *Aprendizagem expansiva*. São Paulo (tradução de obra do autor com lançamento previsto para o segundo semestre de 2013).

¹⁷ Mais informações em <http://www.helsinki.fi/cradle/activitysystem.htm> e nas obras já citadas.

Principais conceitos da Teoria da Atividade Histórico-Cultural

A Teoria da Atividade Histórico-Cultural, nossa base teórica, é uma abordagem ampla com diferentes variações. No Brasil, por exemplo, o trabalho de Yves Clot¹⁵ e seus colaboradores de Paris, na França, tem sido bastante influente, e ele é um bom parceiro colaborador. Sua abordagem da Teoria da Atividade é provavelmente diferente. Talvez um pouco mais psicológica. Nós gostamos de enfatizar muito a questão dos aspectos coletivos da organização da atividade.

A Teoria da Atividade Histórico-Cultural como nós vemos não é apenas uma teoria psicológica. Ela é uma abordagem interdisciplinar relevante para todas as ciências sociais e humanas e, em nosso grupo, temos pesquisadores dos mais diversos contextos científicos, partindo da Filosofia, Psicologia e de todas as áreas da Engenharia, Economia e Sociologia, até mesmo da Medicina. Desse modo, esta ampla gama de áreas científicas certifica a utilização e o potencial da Teoria da Atividade em todas as disciplinas.

Para conseguir esse tipo de abordagem, interdisciplinar, nós precisamos ter um quadro teórico muito bem fundamentado. Nossa versão da Teoria da Atividade¹⁶ é construída, sobretudo, em torno dos conceitos de *sistemas de atividade orientados a um objeto*, que são coletivos e têm uma duração de longo prazo. Esses *sistemas de atividade* são geralmente organizados, tomam forma de organizações, naturalmente não somente organizações formais, mas, também, organizações informais, tais como comunidades e famílias, relevantes para nós. Estamos realmente interessados neste processo longitudinal de cadeias e transformações, no desenvolvimento e aprendizado nesses sistemas coletivos de atividade, que podem ser modelados e analisados com a ajuda de modelos básicos, tais como o já consagrado modelo dos triângulos da atividade¹⁷, usado por nós.

Dessa forma, as pessoas nos associam apenas àqueles triângulos, e esta é uma visão muito estreita de nosso trabalho. Eles são modelos úteis, pois são ferramentas [...] conceituais que devem ser usadas, testadas e modificadas. E, como qualquer outra ferramenta, não devem ser do tipo canonizado, fixo, digamos, uma teoria nossa. Eles são ferramentas para desenvolver a teoria e fazer a teoria funcionar também na prática.

Ou rígidas, como muitas pessoas veem?...

Muitas pessoas as veem como rígidas talvez porque também acham que os diagramas sejam, de alguma forma, estáticos. Bem, claro que eles questionam como usar os diagramas, como fazê-los vivos, como você desenvolve e muda, enche-os de conteúdo e coloca-os em um contexto real particular. Mas eles são importantes para nós, pois este modelo de triângulos é bastante trabalhoso. Os fundadores da Teoria da Atividade - Vygotsky, Leontiev e os outros - nunca fizeram esse tipo de modelo. Eles utilizaram modelos muito simples para indicar a estrutura mediadora da ação, como é sabido - sujeito, objeto e artefato mediador ou signo mediador -, mas o aspecto coletivo da atividade vem do fato de que esta é realizada por comunidades que têm divisão do trabalho e regras. Todos esses elementos devem estar juntos, influenciando uns aos outros, inter-relacionados. Este tipo de modelo tem sido muito importante para nós e, atualmente, trabalhamos muito com o que chamamos terceira geração da Teoria da Atividade; o que implica que nós não estamos olhando apenas para um simples sistema de atividade, mas para a inter-relação entre os múltiplos sistemas de atividade que, de alguma forma, estejam focados parcialmente no mesmo objeto.

Por exemplo, no campo de cuidados da saúde, pode haver diferentes fornecedores de cuidados médicos que tratam de alguns pacientes, e precisam, de alguma forma, se encontrar, criar algumas formas de relacionamento colaborativo entre eles, ou estudar a organização da rede e outras muitas combinações de atividades múltiplas. Mas é claro, na terceira geração da Teoria da Atividade, não é a única coisa que fazemos.

Nós temos aumentado nosso interesse na dinâmica do sujeito, a subjetividade envolvida em questões da atividade, tais como a agência e formação de motivação. Como as pessoas se tornam engajadas e como elas podem ir além das circunstâncias existentes? O que isso significa para seus processos de experiência nesse sentido? Ao mesmo tempo, temos expandido a unidade de análise que inclui múltiplos sistemas de atividade, procurando ir mais fundo no aspecto do sujeito.

Terceira geração da Teoria da Atividade.

Relações com a Saúde, Educação e Comunicação

É muito interessante que em nosso centro, no CRADLE, especialmente a saúde e educação têm sido linhas de pesquisa muito centrais. No campo das organizações de saúde nós temos uma longa tradição. Na verdade, meu próprio trabalho com organizações da saúde começou antes mesmo que o CRADLE existisse, na década de 1980, e algumas das instituições de saúde aqui na Finlândia, como o Centro de Saúde da Cidade de Helsinki, são parceiros de pesquisa de longa data, com quem desenvolvemos vários projetos e mantemos uma colaboração contínua. Vários especialistas que trabalham nessas organizações tiveram seu título de doutor ou foram formados por nós.

No momento, em Helsinki, estamos estudando os cuidados domiciliares a pessoas idosas, que é um assunto bastante importante em nosso país, pois a população está ficando velha mais rapidamente e os cuidados das pessoas que estão doentes, mas não tão doentes [...], pois] não são completamente dependentes do cuidado institucional. Como fornecer formas de cuidado que possam ser mantidas relativamente independentes, relativamente autônomas, e como dar suporte para essa independência são assuntos bastante importantes para o Centro.

Nós também temos uma relação com o maior hospital universitário aqui da Finlândia, no Norte. O campo da saúde é muito importante para nós, pois, ao menos na Finlândia, ainda temos basicamente saúde pública, o que significa que não é apenas um simples negócio privado, mas a sociedade, o setor público é o principal organizador do sistema de saúde. E isso nos permite ter mais possibilidades para realizar esforços de análise, intervenção e mudanças; se o sistema fosse apenas regido pelo lucro, seria

mais difícil encontrar espaço para esforços mais sérios de desenvolvimento. Às vezes, simplesmente pela atividade ser ligada a lucros de curto prazo.

O similar se aplica à educação. Nós, tradicionalmente, temos um número de organizações educacionais que estudamos e que estamos tentando transformar; desde jardins da infância a universidades. Neste momento, em nosso programa de doutorado, nós temos cinco alunos na turma de 2012, todos estudando processos de mudança na educação em diferentes países. Se há alguma coisa que eu tenha inveja, é isso; pois todos vocês vêm de países diferentes, mas não da Finlândia! E nós precisaríamos de um projeto sobre a mudança da educação na Finlândia!

Claro que as pessoas podem dizer que a Finlândia está bem, pois nosso sistema educacional tem tido sucesso nas comparações internacionais do PISA¹⁸, mas eu ainda diria que nós estamos enfrentando mudanças significativas na educação. É preciso discutir, por exemplo, como a escola pode se abrir para a sociedade, e como motivar os jovens, ao invés de simplesmente considerar que, no momento, as escolas finlandesas são muito boas em resultados acadêmicos, uma vez que o aspecto motivacional não é tão forte.

Mas, de qualquer forma, eu diria que a educação e a saúde são ramos fortes de nossa pesquisa empírica e de nosso trabalho de intervenção, no qual nós facilitamos esforços de mudança nas organizações de saúde e educação. Tais intervenções normalmente ocorrem no nível de organizações locais, assim como em nível regional, como a organização de saúde de Helsinque, e também em nível de instituições nacionais.

Um de nossos colegas, o pesquisador sênior Prof. Reijo Miettinen, acabou de escrever um livro no qual discute "por que as escolas finlandesas têm tido sucesso"; e foca muito na educação especial no país, e tenta compreendê-la como uma forma de movimento nacional para ajudar crianças com dificuldade de aprendizagem - e esse tipo de movimento nacional ou de construção institucional é, talvez, outro nível que vai além, até mesmo em redes regionais. E, eu acho que tanto na saúde como na educação nós devemos considerar o local, mas também o regional e o nacional.

Transposição de experiências. O sistema educacional da Finlândia...

Uma ideia inadequada é a de que devemos imitar aqueles que têm sucesso. Vários profissionais da educação e também pessoas responsáveis pela tomada de decisão no campo educacional vêm para a Finlândia para ver o que pode ser adotado do sistema educacional finlandês. Na minha opinião, tais esforços não são úteis se você simplesmente tenta transplantar algumas soluções que adotamos aqui. As condições culturais de cada país e cultura são tão específicas que, do ponto de vista da Teoria da Atividade, você precisa ir a fundo na história, nas contradições e possibilidades da cultura em questão. E, naturalmente, em algum momento também é útil fazer comparações, e talvez encontrar as melhores práticas em algum lugar, mas isso não quer dizer que você possa transplantá-las diretamente.

Por exemplo, o fato de sermos um país protestante significa que temos sido um tanto quanto monoculturais. No campo religioso, são aproximadamente 500 anos relativamente estáveis. A religião Protestante Luterana facilitou a alfabetização, pois a igreja protestante emergiu com a ênfase de que todos deveriam ter uma relação particular com a Bíblia. Para isso, todos deveriam aprender a ler e a escrever. Esse fato histórico, em particular, explica por que a alfabetização tem um nível alto na Finlândia - a Igreja requeria certo conhecimento das pessoas.

Portanto, as condições históricas particulares são diferentes em cada país, em cada cultura. Eu acredito que precisamos de comparações multiculturais e talvez hibridismos, mas não apenas importar/exportar práticas e experiências.

Experiência do CRADLE. Estudos sobre Comunicação

Em relação ao campo da comunicação, eu acredito que pode ser considerado de dois pontos de vista: por um lado, temos uma série de estudos de intervenção em organizações que estão no campo da comunicação em massa: jornais¹⁹, organizações de rádio, TV e, também, companhias de telecomunicação; por outro, todo o tema de comunicação é, claro, um tipo de questão teórica. Como nós vemos a comunicação como parte da atividade? Qual é a relação entre comunicação e atividade? E há abordagens teóricas que as separam muito radicalmente. Por exemplo, Jürgen Habermas.

Sua teoria crítica da ação comunicativa quase coloca a atividade prática e a comunicação uma contra a outra. A teoria diz que o domínio da comunicação é um tipo de domínio onde você pode estar livre de restrições de poder e hierarquia, e realmente encontra trocas, sendo a base da igualdade etc. Então, o domínio da atividade prática é sempre carregado de poder, hierarquia ou tais restrições. Eu acredito que esse tipo de noção dualista esteja completamente errada. Eu acredito que todas as atividades práticas sejam inherentemente atividades comunicativas. Você não pode fazer medicina sem comunicação. Você não pode construir uma casa sem comunicação. E, da mesma forma, você não pode apenas comunicar. Muito de nossa comunicação realmente ocorre mediante atividades práticas.

Vejam este exemplo: atualmente, estamos estudando um local muito interessante: um grupo de construtores de barcos de pesca da Baía de Bengala, Índia. Quando eles constroem esses grandes barcos, quase não se falam, eles se comunicam com seus corpos, com ações práticas. Todos estão em sintonia, apenas vendo o barco, e o barco, por si próprio, é um objeto comunicativo, o que é, naturalmente, um produto muito prático. Ele é o objeto que estão construindo, mas ele também medeia a comunicação entre eles, de forma que os construtores podem estar em coordenação sem falar muito ou sem escrever nada. Muitos deles são, de fato, analfabetos. Este exemplo mostra que a comunicação permeia todas as ações práticas e não podem ser separadas.

Eu acredito que seja uma idéia fútil separar o domínio da comunicação do domínio da atividade prática. Isso significa, naturalmente, que nós também temos de estudar muito essas formas de variação de curso ao utilizarmos a linguagem nas atividades práticas, mas não podemos reduzir a atividade apenas a esse curso.

Você acha que podemos conectá-los ao princípio da multivocalidade?²⁰

Qualquer atividade é fundamentalmente multivocal. Você não pode reduzir uma atividade a uma única perspectiva, a um único sujeito, pois as atividades são formações coletivas, e isso significa que nenhum indivíduo, nenhum participante, nenhum sujeito compartilha exatamente a mesma visão, a mesma perspectiva, os mesmos interesses com os outros. E essa multivocalidade é uma grande fonte com um potencial de inovação, riqueza, e ainda resiliência nos sistemas de atividade; quando olhamos para um sistema de atividade que se tornou muito monótono, ele se torna vulnerável. Assim, é mais difícil para praticantes encontrarem recursos quando há problemas.

Por outro lado, se nós temos um sistema de atividade muito diverso, onde os diferentes participantes não se entendem, então temos fragmentações. Dessa forma, uma dimensão é olhar para os sistemas de atividade e suas mudanças, e a outra é olhar para as questões de fragmentação versus unificação total. Você se move nessa dimensão o tempo todo. Muitas pessoas acreditam que a única forma de controlar organizações é torná-las totalmente previsíveis. Muitas pessoas que pensam assim acreditam que a diversidade deva ser eliminada, mas é claro que a

¹⁹ Nota dos organizadores: Helle, Merja ja Töry, Maija (2009). Media concepts as a Tool for Analysing Changing Media.

Teoksessa P. Oittinen ja H. Saarelma: Print Media. Principles, Processes and Quality. Helsinki: Paper Engineers' Association/ Paperi ja Puu Oy, 497-530.

²⁰ Multivocalidade se refere à existência de diferentes perspectivas de sujeitos que participam em uma atividade em relação ao objeto.

diversidade é algo que, quando administrada, quando as pessoas encontram formas de trabalharem juntas, é uma fonte tremenda de energia e riqueza. Assim, as pessoas estão no centro de nossa pesquisa.

Por exemplo, na medicina, vamos pensar nas clínicas onde você encontra vários médicos; e quando falamos com esses médicos e investigamos como veem os pacientes, eles geralmente veem diferentes modelos de pacientes, múltiplas formas de conceitualizar o objeto. Alguns optam por uma visão biomédica mais clássica, alguns optam por uma visão médica mais social, outros optam por uma visão psicoterapêutica, e se isso for colocado junto, de alguma forma, eles ficarão mais fortes.

Metodologia intervencionista de pesquisa e desenvolvimento: o Laboratório de Mudança²¹

Nossa versão da Teoria da Atividade é inherentemente intervencionista. Nós vemos que na história da Teoria da Atividade, já com Vygotsky e seus seguidores Leontiev, Luria, Davidov e outros, eles também estão fazendo intervenções. Suas pesquisas foram baseadas na ideia de que você pode, de fato, encontrar potenciais e possibilidades criando novos desafios e novos contextos nos quais as pessoas possam, de alguma forma, pular para o próximo nível ou zona de desenvolvimento proximal²² em suas atividades. E, para isso, você precisa de intervenções.

Eu acredito que as metodologias de intervenção que os colegas soviéticos e russos desenvolveram não foram totalmente articuladas. Eles nunca formularam completamente essas metodologias. Assim, é a tarefa da nossa geração tornar essas metodologias mais explicitamente sistemáticas e também torná-las práticas às necessidades atuais. E há múltiplas metodologias de intervenção que os pesquisadores da Teoria da Atividade estão utilizando. Eu mencionei o Yves Clot e seu grupo de pesquisa. Eles usam o que chamam de Clínica da Atividade, e nós desenvolvemos este método específico de Laboratório de Mudança.

O Laboratório de Mudança é a ideia de que um coletivo, digamos uma organização ou unidade de uma organização, ainda uma comunidade, esteja passando por uma importante transformação. Assim, uma mudança que não seja fácil de controlar, que eles precisem de alguma forma criar sua própria visão e sua própria forma de ação para conduzir seu próprio desenvolvimento. Então, trazemos essas pessoas, ou, ao menos, um grupo representativo dessas pessoas para uma série de sessões - geralmente, em torno de dez encontros, às vezes um por semana ou a cada duas semanas, quando nós nos sentamos e começamos apresentando o que chamamos de material espelho, um material gravado em vídeo, ou outras formas de materiais, como estatísticas, entrevistas etc., que demonstrem as coisas que criam problemas, distúrbios e, algumas vezes, até mesmo crises na organização, na atividade.

Laboratório de Mudança e participação

Geralmente, são nossos pesquisadores que coletam os dados. Quando temos uma parceria de longa data, às vezes podemos confiar nos participantes locais, ou seja, nos participantes da atividade, para coletar esses dados. Mas, se nós entramos em um novo sistema de atividade, geralmente temos de fazer o trabalho. Podemos demorar vários meses para coletar esses dados do contexto e também analisar a fundo a história dessa atividade em particular. Então, nessas sessões do Laboratório de Mudança, nós apresentamos exemplos selecionados desse tipo de dados, de evidências, e pedimos aos participantes para dizerem o que veem, o que está acontecendo e por quê. Isso, às vezes, cria uma situação de *dilema*, e, talvez, o que nós chamamos de primeiro *conflito crítico*, em que as pessoas sentem que algo deve ser feito para mudar esse contexto, mas não sabem

²¹ Nota dos organizadores: PEREIRA-QUEROL, M.A. et al. Change laboratory: uma proposta metodológica para pesquisa e desenvolvimento da Aprendizagem Organizacional. *Adm.: Ens. Pesqu.*, v.12, n.4, p.609-40, 2011.

²² Nota dos organizadores: as obras citadas na nota 9, discutem esse conceito.

o que. E a partir desse engajamento motivacional forte - o que também é bastante conflituoso, pois as pessoas preferem negá-lo - você deve trabalhar bastante nele de forma que o envolvimento se torne um engajamento sério e um compromisso para a mudança.

Então, a partir disso, nos movemos para a história para perguntar: certo, onde esse problema começou? Quando isso aconteceu? Quais são suas fontes? Nesse momento, já começamos a usar os modelos, por exemplo, os triângulos da atividade, e também outras ferramentas, tais como linhas do tempo, para identificar ciclos de mudanças na história da atividade em questão. Então, não é mais um tipo de engajamento emocional com as coisas que estão erradas, mas isso se torna uma análise intelectual, e você deve se mover entre esse engajamento emocional pessoal e um trabalho analítico conceitual. Esse movimento é crucial, pois é por meio da análise histórica que nós fazemos as pessoas resgatarem suas histórias pessoais.

Historicamente, que mudanças foram ocorrendo nessa atividade? Que diferenças existem hoje em relação ao que ela era quando a pessoa começou no trabalho? Como ela é agora? E, mediante essa história, eles constroem um tipo de hipótese de quais são as contradições estruturais atrás desses problemas. E isso os leva a esforços para modelar o futuro. E modelar o futuro, geralmente, requer comparações com outras atividades similares em outros lugares para que haja impasses e ideias, ou apenas para jogar com as possibilidades de futuro para um tipo de visão de sua própria "zona de desenvolvimento proximal".

Nós decidimos, juntos com os participantes, se alguns aspectos desse modelo de futuro podem ser implementados agora mesmo. Aqui, agora e nos próximos meses - e vamos ver o que podem fazer com eles. Em outras palavras, eles selecionam um tipo de subprojeto, que testam na prática, e nós acompanhamos isso gradualmente, pois você não pode simplesmente implementar um modelo completamente novo como este da noite para o dia e mudar tudo agora! É preciso construir essa mudança na atividade existente e gradualmente transformá-la; e, naturalmente, essa fase de implementação pode ser muito trabalhosa.

Nós tentamos acompanhar e dar suporte aos encontros do Laboratório de Mudança, um processo condensado e intenso de aprendizado expansivo. As sessões podem ser conduzidas em poucos meses (dois ou três meses). Em seguida, há um período de acompanhamento, que deve ser de, pelo menos, um a dois anos, para que possamos ver o que realmente surge na prática.

Tudo deve ser cuidadosamente documentado para que possa ser utilizado, de um lado, para análises rigorosas de pesquisa, e, de outro, para que possamos levar para a próxima sessão de Laboratório de Mudança, alguns exemplos da anterior, que ajudem na reflexão: o que nós fizemos no encontro da semana anterior? Como poderíamos terminar em conflito? Ou em um beco sem saída, como nós podemos nos mover além? Sempre há essa reflexão, que requer a gravação de toda a sessão, para que possamos rever alguns segmentos relevantes do vídeo, que serão assistidos pelo grupo no encontro seguinte, também para fornecer uma reflexão contínua sobre o processo.

E quem participa dessas sessões?

Bem, isso depende da atividade. Por exemplo, se você tem uma organização muito grande, como um grande hospital, você tipicamente tem de decidir qual parte do hospital servirá de unidade-piloto. E mesmo na unidade-piloto pode haver tantos empregados que é importante que você selecione ou faça a seleção em conjunto com um grupo de representantes. Nós tivemos alguns Laboratórios de Mudança com sessenta, setenta pessoas, mas isso é muito difícil. A qualidade da discussão é bem mais difícil de ser monitorada e ter sentido. Dessa forma, nós preferimos ter entre dez e trinta pessoas.

Por exemplo, um de nossos doutorandos, Yury Lapshin, está começando um Laboratório de Mudança em uma grande escola, em Moscou, selecionando algo em torno de vinte e cinco professores e administradores, de forma a torná-lo controlável. Esses laboratórios devem ser cuidadosamente selecionados para representar a diversidade na escola ou no sistema de atividade e, de alguma forma, devem ter a tarefa de interagir com os outros colegas, o que é complicado. É muito mais fácil se você tem unidades menores.

O nosso primeiro Laboratório de Mudança foi realizado em 1995, nos correios da Finlândia, onde as agências eram pequenas. Dessa forma, todos os carteiros de uma dada agência puderam participar. Isso nos dava 100% de participação. Mas a maioria das organizações não são como essas. A maioria das

organizações é relativamente grande, e é difícil encontrar o tipo de unidade, de forma que possamos selecionar uma equipe. Por exemplo, nós temos Marika Schaupp, que está trabalhando em um Laboratório de Mudança em uma grande companhia finlandesa, e pode identificar uma equipe que serve como unidade-piloto; todos os membros dessa equipe, incluindo o supervisor, são participantes.

Assim, se você encontra uma unidade que seja de tamanho apropriado, tudo fica mais fácil. Mas não há uma resposta simples para isso. Nós sabemos que há, na literatura, muitos tipos de intervenção em larga escala, nas quais centenas de pessoas estão envolvidas. Nós não fomos nessa direção porque, às vezes, elas tendem a ser muito superficiais.

Superficiais?

Bem, como você tem certeza de que quinhentas pessoas estão realmente envolvidas na análise real?

E talvez nós não possamos ter certeza das reais transformações?

Exatamente. Isso as torna muito mais dirigidas. Assim, quando você faz essas intervenções de larga escala, tipicamente elas se tornam algo em que essas centenas de pessoas estejam lá pra escutar o gerente, o consultor, o pesquisador que dá uma palestra a eles sobre como coisas maravilhosas deveriam ser, e isso se torna um tipo muito tradicional de disseminação, ao invés de uma intervenção real, que é baseada no desenvolvimento da agência dos participantes.

Participação de diferentes níveis de hierarquia numa mesma seção

Bem, essa é uma questão muito boa também. Nós temos tentado várias formas. Em alguns casos, por exemplo, no Hospital Universitário de Oulu, onde temos trabalhado, tivemos a sorte de contar com o engajamento da alta gerência (top management). Todos os integrantes dessa seção do hospital, dessa unidade cirúrgica, quiseram participar por vontade própria e foram muito ativos no processo do Laboratório de Mudança. Mas ter os diversos níveis de hierarquia trabalhando juntos pode não ser uma boa estratégia. O gerente pode deixar os outros inibidos. Mas isso não é o que sempre ocorre.

Por exemplo, em uma grande empresa de telecomunicações onde nós tivemos um Laboratório de Mudança, as equipes da linha de frente, que eram as unidades básicas do Laboratório de Mudança, convidaram o seu gerente para uma sessão para trocar e discutir ideias com eles em apenas uma sessão. A ideia era a de que a hierarquia estivesse envolvida e informada, mas que houvesse espaço para todos desenvolverem suas ideias. Então, o próximo passo seria: essas iniciativas podem ser aceitas pelo gerente? Naturalmente, isso requer negociação e diálogo contínuos. Mas não há uma solução simples para isso.

²³ Questão sugerida por Elaine Mateus.

O conceito de agência. Agente versus sujeito. Subjetividade e agência²³

É um assunto muito importante. Qual a relação entre apenas ser um sujeito e ser um agente. A pergunta coloca que alguns estudos da Teoria da Atividade tratam a agência humana como qualquer coisa. E então olhar para realidades sociais é nada mais que uma ação humana.

Banalização da noção de agência e de sua relevância no sistema de atividade

Na literatura mais ampla, a agência, fora da Teoria da Atividade, é muito comum. Qualquer ação que um ser humano faz é considerada uma ação ativa. Até mesmo se você pisca seus olhos, de alguma forma você é agente. E isso leva

a uma banalização e trivialidade do conceito. Uma raiz importante do conceito de agência vem de Giddens²⁴ e seus trabalhos sobre estrutura versus agência. A ideia é que a todo tempo você pense: certo, há estruturas que os humanos criaram, vários tipos de organizações, instituições, regras etc., que, de certo modo, nos restringem e, então, seres humanos, de forma a encontrar seu próprio caminho e influenciar suas circunstâncias, precisam ter agência, e essa é a dialética entre estrutura e agência. E isso é ainda mais interessante porque significa que nem tudo seja agência.

A agência tem de ser vista em relação às estruturas, que, de alguma forma, controlam a nossa vida, agindo ativamente com aquelas estruturas. Em nosso trabalho, realmente queremos ir mais a fundo e gostamos de falar sobre agência transformativa: agência na qual os seres humanos estão ganhando a capacidade em suas atividades coletivas. Então, atualmente, nós acrescentamos a palavra *transformativa* para indicar que não queremos apenas um sentido banal, qualquer coisa que um ser humano faça, mas particularmente os potenciais dos seres humanos de se tornarem fazedores de história. Ou transformadores de suas próprias atividades.

E, naturalmente, fica a questão: o que é a subjetividade? É, então, tudo que os humanos fazem? Eu também acho que não. Eu acredito que o conceito de sujeito, subjetividade, eu gostaria de investigar, vamos dizer,... a forma como os humanos constroem uma relação pessoal com a atividade para resolverem seus conflitos e tensões em relação à atividade coletiva. Eu vejo isso como um assunto de formação de sentido, utilizando as palavras de Leontiev, formar um sentido pessoal e relacioná-lo com os significados sociais da atividade. Assim, o tema da subjetividade é para mim um tema de construção pessoal do significado e identidade, ou seja, identificar a si mesmo em relação à atividade coletiva. E assuntos como agência são para mim assuntos primários da transformação.

A agência transformativa deve ser entendida como ações específicas, não cada ação, mas apenas ações muito específicas que têm um potencial de transformação. Por exemplo, resistir e criticar, ou identificar possibilidades ou modelar e visualizar o futuro, ou se comprometer com ações para mudar a situação, ou na verdade realizar essas ações.

Nós já identificamos, até o momento, seis tipos de agência transformativa²⁵ em ações tidas discursivamente por pessoas que participam nos Laboratórios de Mudança, e vários outros estudos estão a caminho de investigar em detalhes o discurso nos Laboratórios de Mudança por meio das sessões. Como esses diferentes meios de expressão da agência aparecem em diferentes sessões, ou como eles podem aumentar ou diminuir? E quem realiza essas ações? Como isso é distribuído entre os participantes? De que forma elas se tornam ações coletivas e de que forma elas se mantêm apenas ações individuais? E assim por diante.

Eu acredito que essa agência transformativa possa ser analisada bem rigorosamente. E deveria ser analisada. Eu não gosto da ideia de falar superficialmente sobre agência em geral. E o mesmo sobre subjetividade. Eu acredito que, por exemplo, o trabalho de Annalisa Sannino²⁶ sobre experimentar como as pessoas lidam com conflitos críticos, esteja no centro da questão da subjetividade. Ainda, eu gostaria de ver muito mais trabalhos sobre construção pessoal de sentido e como avaliá-lo. Há uma conexão, claro, entre construção pessoal de sentido e agência, mas elas não deveriam ser consideradas a mesma coisa. Então, eu gostaria de ter uma clareza maior sobre esses conceitos. No momento, infelizmente, há uma tendência em se fazer de tudo agência.

²⁴ Ver: GIDDENS, A. *The constitution of society. Outline of the Theory of Structuration*. Los Angeles: University of California Press, 1986.

²⁵ Nota dos organizadores: HAAPASAARI, A., ENGESTRÖM, Y. *The emergence of learners' agency in a Change Laboratory intervention*. (Manuscrito em preparação).

²⁶ Ver: SANNINO, A. *Teachers' talk of experiencing: conflict, resistance and agency*. *Teach. Teach. Educ.*, n.26, p. 838-44, 2010.

²⁷ Tema proposto por Fernanda Liberalli, da PUC-SP. “[...] Os conceitos são também objetos em fuga quando nós os tornamos por nossos. Eles fogem da gente e se expandem em novas direções. Considerando o conceito de Cadeia Criativa, sem criar características unificadoras do conceito, características que mantenham marcas do significado prévio que também se abrem para novos significados. Esta tentativa pode ser vista como uma contradição na relação à forma natural de conceitos, formados no natural viajando sem destino para lugares inesperados. Isso pode ser uma forma de se entender que a evolução controle o objeto? Haveria uma contradição entre o conceito de pré-movimento e direções deliberadas predefinidas?”

Formação de conceitos, objetos em fuga (“runaway objects”) e em vidas-reais complexas (“object in the wild”)²⁷

Esses conceitos precisam ser explicados. Talvez seja melhor começar com aqueles que se mantêm ainda um tanto misteriosos. Por objeto em fuga nós podemos mencionar o fato de que o objeto é a base da Teoria da Atividade. Como Leontiev diz, não há atividade sem um objeto, e o objeto significa que ele é um tipo de horizonte, de possibilidades de orientação da atividade, mas não é o mesmo que objetivo específico. Ele é mais amplo e mais difícil de ser definido.

Por exemplo, o sistema de saúde: a atividade do sistema de saúde é geralmente dirigida pelos objetos de doença, ou seja, qualquer doença. Os profissionais da saúde tentam combater as enfermidades. Eles tentam curar e prevenir doenças. Mas a doença não é um objetivo muito específico, nem algo como tal. É um objeto muito amplo que nunca poderá ser completamente erradicado, [que] não pode ser totalmente controlado. Dessa forma, ela é de alguma forma um objeto, especialmente algumas novas doenças, como as várias pandemias.

Elas são de fato objetos em fuga, muito difíceis de serem controlados. Elas parecem surgir inesperadamente e se espalham pelo mundo muito rapidamente. Assim, aquilo que chamamos de objetos em fuga é um novo tipo de objeto que potencialmente tem essa habilidade de ampliar-se e espalhar-se muito rapidamente e ficar fora de controle.

Eles podem ser bons, como algumas inovações. O sistema operacional Linux foi feito por alguns hackers, mas, de repente, se tornou uma inovação global. Por outro lado, há coisas graves, como o aquecimento global, mudanças climáticas ou crises financeiras, como a que nós temos na Europa no momento. Isso pode ser chamado de objeto em fuga. Então, eu acho que a Fernanda esteja perguntando sobre esses objetos em fuga e sua relação com os conceitos. Aqui ela também se refere à questão de situações reais complexas.

No momento, eu tenho um projeto que é chamado formação de conceito no natural (“in the wild”), dado que a formação de conceitos e a mudança conceitual têm sido tradicionalmente estudadas em ambientes muito controlados, como salas de aula e laboratórios, onde os pesquisadores têm interesse em avaliar se todos os conceitos de ciências naturais ou matemáticos são adquiridos por uma criança em uma sala; geralmente, esses estudos usam conceitos bem definidos, que já são bem conhecidos e entendidos, e analisam como a criança pode entender e se apropriar desses conceitos, os tipos de mudança que isso representa em relação ao pensamento anterior, e assim por diante.

Atualmente, eu acredito que, no mundo de hoje, o processo mais interessante de formação de conceitos ocorra fora dos laboratórios e salas de aula, quando as pessoas tem de enfrentar novas dificuldades. Essa é uma tarefa tremenda de formação de conceito. Como você chama isso? Como você o entende? Como você cria um conceito que faria sentido e daria mais coerência a esse fenômeno? Esses são processos que estão bem distribuídos. Pessoas diferentes, em várias partes do mundo, estão brigando pelos mesmos assuntos.

Tomemos, por exemplo, como o conceito da AIDS foi formado. Foram muitos anos de debates, disputas entre diferentes pesquisadores, muitos colaboradores, organizações de pacientes, governos, antes de se ter uma estabilização gradual, de forma que você pode, de alguma forma, concordar com o que seja a característica essencial da AIDS. Mas, mesmo assim, há poucos anos, havia chefes de Estado que poderiam negar e dizer “não há uma doença sexualmente transmissível ou algo como tal”, o que parecia uma ideia absurda. E havia também várias teorias da conspiração sobre como isso havia começado e assim por diante.

Assim, a formação de conceito nesse nível é algo em que as pessoas comuns de diferentes profissões estão engajadas e interessadas em descobrir formas de entender e de facilitar esse tipo de formação de conceito no natural.

Desse modo, as pessoas não estariam totalmente à mercê do que estejam lendo no jornal ou vendo na televisão, mas haveria uma capacidade maior no coletivo para criar conceitos para guiar suas próprias atividades. Isso não precisa ser um conceito global. Eles podem ser conceitos de nível intermediário, como, por exemplo, um conceito para entender o que estamos fazendo em nossa organização. E isso significa que a formação do conceito desafia, enfrenta um novo desafio. Nós ainda estamos no princípio desse tipo de pesquisa.

A pergunta da Fernanda é uma ótima questão, mas muito complicada. É muito difícil responder a uma questão sobre até que ponto esses conceitos são eles objetos em fuga ou estão tomando forma livremente. Eu não acredito que a formação de conceitos aconteça completamente sem restrições. Se nós olharmos para exemplos de formação de conceito na história, como no caso da AIDS, era um caso que simplesmente tinha de ser encontrada uma explicação e uma categorização para ele. Nomear e categorizar de forma que as pessoas pudessem começar a entender o tratamento e pudessem fazer uma legislação sobre o assunto.

Assim, quando o objeto tem essa pressão, ele nunca é totalmente livre. O objeto requer que as pessoas, de alguma forma, encontrem coerência. Eu acredito que, mesmo quando vemos esses grandes debates sobre mudanças climáticas e aquecimento global, eles têm de convergir. Não há uma unanimidade geral, a multiplicidade de vozes será mantida, mas deve haver algum tipo de estabilidade. O conceito não é um conceito se não tiver um pouco de estabilidade.

Desafio de lidar com o objeto em construção

Parece que tudo está em um fluxo, e nada é certo. Sim, isso é a absoluta verdade! Há muitas estratégias que precisam ser investigadas. Claro que uma delas é encontrar uma estabilização parcial, digamos, com elementos do conceito que podem ser claramente entendidos e usados como uma mola propulsora para o progresso futuro. Eu acredito que, se olharmos para a história, como no caso da AIDS, você vê essas estabilizações parciais ocorrendo. Não com um consenso imediato, mas com passos que podem ser acordados e que, de alguma forma, juntam um pouco mais de esforços para uma mesma direção.

Uma outra coisa é que a sociedade é um verdadeiro fórum, onde as pessoas podem realmente debater e clarear seus conceitos. No momento, nós temos um problema com a mídia, que deveria ser muito mais promotora [do debate]. Pense, por exemplo, em pessoas que estejam lutando contra qualquer conceito complexo, como o de entender a crise financeira. Há muito pouco sobre isso na mídia. Você não consegue encontrar um lugar na *web* onde possa ver as diferentes tentativas de definir a crise e de trazê-las para um lugar só, para que pudéssemos ter uma visão geral dela.

Na minha opinião, nós realmente precisamos de locais onde as pessoas se reúnem, onde a formação de conceitos possa ser observada e as pessoas possam ter uma visão geral de como as pessoas estão entendendo algo. No momento, parece-me que falta esse tipo de ferramenta. Em grande parte porque a mídia nos permite isso, como ter milhões de discussões que não estão conectadas, e esses esforços de construção de sentido em larga escala requereriam um desenvolvimento das mídias sociais, talvez juntamente com a *web*, o que permitiria às pessoas seguir diferentes linhas de argumentação, como se organizariam e como se posicionariam. Estes são tópicos difíceis. Eu diria que esse tipo de pesquisa está apenas no começo, e é cedo para especular um pouco mais.

Balanço. Principais contribuições, lacunas, desafios e perspectivas

Nós falamos sobre agência, subjetividade, estas são definitivamente uma área. Um outro tema em expansão é o de como estudar atividades que têm características compartilhadas que não sejam apenas locais, mas também estejam aumentando no mundo, ou, ao menos, interconectadas. Essa interligação e, também, esse efeito potencial da rede mundial de computadores e outras mídias nas atividades e comunidades é uma outra dimensão dos desafios e tarefas. Mas, talvez, o tema mais crucial no nível de pesquisa individual e de grupos seja “como conectar os projetos de pesquisa local às tensões sociais e

possibilidades de desenvolvimento social". Para que a pesquisa da Teoria da Atividade seja relevante, ela deve almejar realmente influenciar a vida das pessoas e aumentar as formas pelas quais nós devemos ficar engajados e envolvidos em importantes níveis de transformações sociais, analisar o impacto e ver como elas são colocadas fora do contexto local.

Em parte esta é a razão de termos colaboração com pesquisadores de outros países, como o Brasil. Talvez aí a sociedade seja mais otimista e mais aberta às mudanças do que em parte da Europa e dos Estados Unidos. Infelizmente, estes últimos estão sentindo o choque de não serem mais o centro do poder e do mundo, o que torna a sociedade um tanto quanto defensiva, o que os faz sentirem-se perdidos. Eles não sabem para onde ir! E isso significa que, cada vez mais, o futuro do mundo está sendo moldado não no oeste, mas no resto do mundo! Para a Teoria da Atividade significa que a pesquisa deva ser feita nesses lugares onde o futuro é construído atualmente. Não onde as pessoas estejam defensivas e completamente perdidas. Eu não estou dizendo que isso seja tão simples. Claro que a maior parte de nosso trabalho é feita aqui na Finlândia, mas, cada vez mais, nós temos de reconhecer que não estamos isolados. E isso é um de nossos desafios.

O outro é o de como nós desenvolvemos nossa metodologia intervencionista quando enfrentamos novas condições culturais. Quando enfrentamos situações em que as pessoas estão engajadas também em disputas políticas ou discussões da comunidade além de nossos ambientes de trabalho. Nossa maior experiência vem dos espaços de trabalho, mas isso deve ser ampliado. Eu acredito que nos próximos anos teremos um número de estudos de intervenção, também usando o Laboratório de Mudança, em diferentes países. Nós precisamos colocar todos juntos e fazer comparações, talvez por meio de publicações internacionais onde olhemos para as experiências e visões obtidas ao se implementar algo. Por exemplo, nós temos um colega da África do Sul usando o Laboratório de Mudança na prevenção da AIDS em algumas comunidades locais, nas quais a doença se alastrou, ajudando a construir novas formas de prevenção. Este é um desafio bem diferente do trabalho com um hospital ou uma escola finlandesa! Assim, essas comparações e lições obtidas além dessas fronteiras culturais serão totalmente centrais.

Agradecimentos

Ao Professor Engeström, pela abertura em conceder esta entrevista-conversa. À Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP - Univ Estadual Paulista, pela concessão de auxílio para estágio no exterior de um dos entrevistadores. Ao apoio de Rodolfo Andrade Gouveia Vilela (FSP-USP), Fernanda Liberali (PUC-SP), Elaine Matheus (UEL-PR) e Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP).

Recebido em 08/05/13. Aprovado em 31/07/13.